

Capítulo 6

Conclusão

Nossa investigação não teve a pretensão de apresentar uma solução ou um modo de agir definitivos ou que sirvam de modelo. Como colocamos no início, nosso objetivo era o de desenvolver uma reflexão teórica e prática acerca da técnica que utiliza recursos locais, promovendo a autonomia local.

A investigação prática do trabalho tem muitas possibilidades a serem exploradas e poderia ser desenvolvida por tempo indefinido. Partimos das experiências e conhecimentos prévios das técnicas construtivas de fibrobarro armado que o laboratório possui. Esse conhecimento prévio foi essencial para definir o caminho que trilhamos. A metodologia do LILD, com seu trabalho de experimentação contínua, norteou a maneira como desenvolvemos a pesquisa prática. Apesar de o muro ainda não estar concluído, e de ainda haver muitos desdobramentos possíveis para o que foi feito, as técnicas experimentadas nos ajudaram a pensar melhor sobre a técnica em geral – e já pudemos desenvolver uma reflexão.

É perceptível que, apesar de ter sido feita uma reflexão sobre a técnica, a pesquisa é mais da área humana do que da técnica. A reflexão teórica que fizemos foi importante para entendermos de onde estávamos partindo e o que exatamente estávamos investigando.

Pudemos perceber que toda técnica tem uma série de intenções envolvidas e implicações que vão para além dos objetos em construção. Trata-se de uma forma de o homem transformar a natureza e é possível estabelecer diferentes formas de lidar com esta natureza e transformar a matéria. A técnica pode envolver um grande número de atores, comércio, importações. Ou pode envolver uma só pessoa em um único lugar. Pode requerer uma enorme precisão ou pode valorizar a imperfeição. A técnica pode envolver uma transformação muito grande da natureza original, ou apenas uma pequena mudança.

Trabalhando em um contexto urbano industrial, com tantas possibilidades e com tantos recursos disponíveis, em que os mais diferentes materiais podem ser adquiridos em lojas na cidade, percebemos o quanto é difícil ater-se aos materiais

à nossa disposição.

É comumente dito que o excesso de informações disponíveis atualmente acaba por deseducar as pessoas. Da mesma forma, podemos dizer que o excesso de disponibilidade material acaba por nos tornar incapazes de lidar apenas com os recursos presentes. Para usar o material presente nas redondezas é preciso ter um conhecimento muito grande da natureza local e das diferentes utilidades dos materiais em geral – um tipo de pensamento que não é desenvolvido no curso de design, em que os alunos aprendem primeiramente a desenvolver um projeto no plano das ideias, para depois pensar no material adequado. Assim, sentimos falta de ter um conhecimento maior da natureza à nossa volta, embora o LILD já tivesse algum conhecimento prévio a respeito. Deste modo, foi possível descobrir um pouco mais sobre os diferentes tipos de barro e de fibras naturais de que dispúnhamos.

Nossa investigação desenvolveu-se no sentido de aprender mais sobre o material presente. Trata-se de uma técnica que não consiste tanto em um anseio para que haja o que não há – mas em um anseio para que se revele o que há. O que há aqui que pode ser usado, como pode ser usado? Algo que se aproxima da escuta da natureza proposta por Heidegger. Mas ficou perceptível que, para se ver o que está presente no lugar, não basta um olhar de desvelamento. É preciso ter algum conhecimento prévio das coisas para poder vê-las. Quem não conhece determinada espécie de planta, passa por ela sem percebê-la, sem ver nela o potencial de utilidade para o que estamos precisando.

É preciso, pois, ao mesmo tempo, prestar atenção ao ambiente e ter um conhecimento prévio – um conhecimento da vegetação local. Apesar de não sabermos tanto sobre a natureza local, já pudemos explorar bastante suas possibilidades. Desenvolvemos uma técnica de experimentação contínua, de análise dos resultados, de constante aprimoramento do próprio fazer técnico.

Nossa técnica não esteve voltada apenas para os resultados, mas investigou a melhor maneira de se desenvolver a própria técnica. Como vimos, para Ortega y Gasset, esta técnica voltada para si mesma, que analisa cada etapa e causalidade é característica de nossa época. Em um pensamento parecido, vimos que David

Holmgren diz que, nas últimas décadas, ocorreu uma *thinking and design revolution*, com o desenvolvimento do pensamento projetual, em que a solução dos problemas deve ser encarada de forma lógica e metodológica.

Falamos em pulsão técnica como sendo este movimento de desdobramento e análise da técnica. E tal técnica teria o aspecto negativo de consumir uma quantidade crescente e insustentável de recursos naturais. Neste trabalho, tentamos usar este mesmo movimento de pulsão técnica para obter o resultado oposto: a redução do consumo de recursos naturais, atendo-se ao que está próximo.

Este movimento de pulsão técnica, em que é utilizado o pensamento projetual e metodológico, em busca de um aprimoramento contínuo, é aliado com a apreensão intuitiva da natureza. Algo comum ao que vimos nos exemplos da permacultura, da tecnologia apropriada e da arquitetura em terra crua atual – em que a integração destes dois tipos de pensamento também é buscada. A união do pensamento projetual com a apreensão intuitiva da natureza parece ser um caminho possível para se desenvolver uma técnica que interaja de forma autossustentável com a natureza local.

Mas, ao longo do desenvolvimento desta dissertação, foi possível perceber que a complexidade de nossa questão está relacionada à natureza pulsional do problema. O desenvolvimento técnico não envolve apenas elementos estritamente técnicos, mas reproduz um movimento de pulsão, que suscita outras questões. O que traz satisfação para o homem, o que lhe proporciona bem-estar? Vimos que a satisfação humana é um problema complexo, pois ela não está relacionada à obtenção daquilo que se almeja. E o bem-estar também não é algo simples; sendo uma noção variável, não unívoca.

As sociedades primitivas nos mostram que é possível ter bem-estar com poucos recursos locais. Vimos que as sociedades nômades vivem com pouquíssimo e, no entanto, podem ser consideradas sociedades prósperas. A possibilidade de se buscar o bem-estar na simplicidade norteia algumas propostas, como a tecnologia apropriada e o wabi-sabi. Para estas propostas, o importante não é atingir a técnica mais aprimorada possível, mas mudar nossas aspirações.

A ideia de que é preciso mudar nossa concepção de bem-estar também já foi levantada por autores de ecodesign. Manzini (2003) coloca que é preciso que a ideia de bem-estar deixe de ser relacionada à posse de bens materiais e passe a se vincular a valores como o tempo livre e encontros sociais.

Mas, havendo uma grande disponibilidade de recursos, como no caso de nosso sistema de produção, esta limitação torna-se difícil, uma vez que consideramos que nossa sociedade encontra-se em um movimento de pulsão capitalista e de pulsão técnica. Enquanto houver possibilidade de mais, é difícil que haja uma satisfação apenas com o que está presente, com o consumo de poucos recursos locais. No entanto, considerando que as bases energéticas e materiais de nosso atual modo de produção não se sustentarão para sempre, provavelmente seremos impelidos a sair deste movimento. Portanto, acreditamos na importância de reflexões que repensem a relação de nossa sociedade com a técnica.